



A ESPERA DO EDITOR: *O PRIMEIRO LEITOR* DE LUIZ SCHWARCZ E O ENSAÍSMO DE MEMÓRIA

Thiago Nasi da Silva¹

A modéstia e discrição de Luiz Schwarcz estabelece uma interlocução simples, mas de qualidade com o público de *O primeiro leitor*. Lançada em maio de 2025, a obra do editor e CEO da Companhia das Letras chega às livrarias com o subtítulo *Ensaio de memória*, determinando, logo em primeiro plano, as expectativas dos leitores quanto a seu conteúdo. Na introdução “O último e o primeiro”, o autor reforça: dividiu o livro em capítulos ímpares de estilo ensaístico e capítulos pares de tom memorialístico. Segundo o autor, a escolha por essa divisão, além de não arbitrária, nada mais é que forma de organização, vista a conexão entre os capítulos dedicados às ideias e os dedicados às pessoas.

Os capítulos pares são homônimos aos perfis de que tratam: Caio (Graco Prado), Zé (José) Paulo (Paes), (Paulo) Francis, Susan (Sontag), Zé Rubem (Fonseca), (Tomo) Amos (Oz), Oliver (Sacks), Jô (Soares), José (Saramago) e Jorge (Zahar). O índice, é claro, não limita os relatos trazidos por Schwarcz; o autor seleciona eventos importantes — ainda que recaia em algumas anedotas irrelevantes, com certa aura infantilizada — que se ligam à sua trajetória profissional, com o cuidado de dar destaque a autores já falecidos, pois optar por um ou outro escritor em exercício seria uma escolha “[...] impossível e injusta.” (Schwarcz, 2025, p. 13).

Como um editor experiente, Schwarcz soube selecionar com seu editor a melhor forma de estruturar tais capítulos. Relembra, ainda na introdução, que esses capítulos eram, originalmente, cartas fictícias às pessoas mencionadas, mas que o tom adquirido fora de estranheza e apelação. A mudança sensata de muito adiciona ao livro, considerando que os relatos não perdem a qualidade emocional. O autor não deixa de reforçar a importância da subjetividade e do papel das pessoas no trato da literatura e do livro, ainda que, no destaque ao pessoal, as memórias por vezes se enfraqueçam em sua relevância. Um exemplo disso é o capítulo de Susan Sontag, que de início prende a atenção do leitor e traz relatos interessantes sobre a personalidade, mas que descamba para a relação de Schwarcz com Gore Vidal e John Updike. Essa digressão seria facilmente justificada pelo caráter de memória, porém nisso não

¹ Mestrando em Letras: Estudos de Literatura no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsista PROEX/CAPES. E-mail: thiagonasi4@gmail.com.

se escusa pela constante seleção e redirecionamento que o autor realiza em outros capítulos — dos poucos “voltando ao assunto” de que faz uso, é no capítulo de Susan que o recurso mais faz falta, quando as páginas continuam a contar as histórias cômicas e pouco encantadoras dos outros autores.

Se Susan é levemente deixada de lado, os três Josés não dividem espaço em seus capítulos e se destacam no miolo do livro. Os três capítulos sobre Zé Rubem, Jô e Saramago, em sua particularidade, equilibram pessoal e profissional com maestria. Schwarcz estabeleceu com Rubem Fonseca relação muito próxima; recebia do autor inúmeras indicações de livros nacionais para a publicação, como *Boca do inferno*, de Ana Miranda, que leva a Companhia das Letras a uma posição de destaque em feiras internacionais, dentre outros sucessos de vendas no Brasil. Apesar do fim de amizade conturbado, evento cujos detalhes o editor não revela, a relação de Schwarcz com Rubem Fonseca desenvolve ambos profissionalmente; é com Rubem que a Companhia cresce e tem seus primeiros grandes destaques, e é com Schwarcz que Rubem afina sua habilidade e faz a transição de romancista a contista de primeira qualidade. O mesmo ocorre com Jô e Saramago, com quem o editor teve relações de amizade que surgiram a partir da profissional e que foram mantidas até o fim da vida dos autores. No capítulo de Jô, a comicidade e irreverência são fatores principais, enquanto, de Saramago, vêm ao palco a humildade e o amor pela literatura. Mesmo que sobre o apresentador e o Nobel as histórias sejam curtas, oferecem vislumbres sobre o tamanho e a qualidade que o trabalho de Schwarcz e da editora estavam alcançando, com a nuance precisa de emoção de que a porção final da obra carecia.

Os capítulos ímpares, por sua vez, concentram o que o editor tem de melhor para oferecer ao leitor. Os ensaios de Schwarcz, como Adorno (2003) definiu em *O ensaio como forma*, dizem o que lhes ocorre e acabam sem encerrar os assuntos, debruçando-se de forma limitada e livre de exageros sobre o que se propõem a discutir. Mesmo que componham *O primeiro leitor* com as memórias, os ensaios delas não dependem, e vice-versa. De um lado, a independência entre os capítulos mostra-se positiva e distancia a obra do tom acadêmico, permitindo uma leitura mais leve sem renegar reflexões sérias e profundas sobre os ofícios editoriais, criativos; de outro, a falta de uma conexão mais específica entre pares e ímpares prejudica a importância dos capítulos de memória, que por pouco se mantêm sozinhos, contribuindo de maneira às vezes leviana para a discussão proposta (como é o caso dos capítulos de Amos e Susan).

Em sua participação no programa *Roda Viva*, da TV Cultura, Schwarcz se recusa a posicionar *O primeiro leitor* como um representante da “refundação da memória”, pois não se vê como o escritor que conta a história de sua vida nessa perspectiva um tanto egoísta; prefere dar espaço à história coletiva. Novamente, é a modéstia almejada na introdução do livro que o editor busca e concretiza, mas que não é frutífera para todos os capítulos.

Sob diversas luzes, nos ensaios, o editor se volta ao processo de escrita e edição. Em “A ousadia dos sonhos”, Schwarcz fala do exercício de memória como uma conversa “com um jovem editor ou editora” (p. 43), pelo qual imagina a reação dos leitores/ouvintes e confere mais importância à rememoração. Ao pensar “com quem se fala”, é possível constituir a unidade do livro, ato que envolve escritores e editores. Ele reforça:

O primeiro trabalho do editor que lê um original é avaliar se o que une o texto faz sentido, se há coerência, se o resultado tem integridade, como devem ter na vida as pessoas e as instituições. Um livro que continua sendo uma junção de fragmentos, e não ganha um sentido mais geral, não merece o nome de livro. (Schwarcz, 2025, p. 46)

O tema da unidade perpassa *O primeiro leitor* de inúmeras formas. Além do foco neste capítulo, Schwarcz o retoma em “Até onde podemos ir” e “A espera”, argumentando pelo papel compartilhado de editores e autores. O leitor é sempre ponto focal, nunca esquecido por quem escreve e edita, “uma questão constante” (Schwarcz, 2025, p. 140) durante a leitura de originais. Com gosto pela metáfora, Schwarcz diz ser “dublê” dos autores, aquele que adquire a responsabilidade de preparar o texto para as situações mais difíceis: a recepção do público e a manutenção da coerência interna e externa.

Ao focarem sua experiência profissional, os ensaios ganham mais potência. Há, neste ponto, destaque à constituição dos capítulos. Da tradição de Adorno (2003) e Larrosa (2003), o ensaio não desbrava terrenos inabitados, senão explora aquilo que já foi escrito e pensado de novas formas, com novas perspectivas. No Brasil, a literatura voltada ao mercado editorial (sua história e seus processos) é ainda escassa; Schwarcz, então, ensaia em um espaço ocupado pela tradição anglófona, especialmente pelos editores americanos, e se vale dessas referências constantemente em seu texto. Os capítulos ganham com certo ineditismo ao pensarem o mercado editorial brasileiro, de estrutura e agentes bem distintos do europeu e americano, além de se posicionarem como algo basilar para próximas iniciativas, seja de editores ou de outros profissionais do meio.

Ilustra muito bem essa compreensão do lugar ocupado por *O primeiro leitor* o capítulo “Sua majestade, o silêncio”. Apesar de não ser um crítico ou teórico da literatura, com sua experiência Schwarcz traz astúcia e densidade ao texto, pelo qual examina a organização da vida proporcionada pela literatura. Essa, para o autor, controla e seleciona o tempo, os fatos, e conduz o leitor (o primeiro, editor; o último, público) pela imaginação de um autor inacessível se não pela materialidade textual. Importa, então, o silêncio em toda construção ficcional — “o silêncio do outro”, de personagens incompletos, frágeis, com dúvidas e não certezas, com os quais torna-se possível se conectar e se identificar. Há a defesa por uma literatura que não se proponha a pontos finais e explore o recôndito da humanidade. Para o editor, o triunfo da literatura ocorre no “[...] encontro que se dará entre a vulnerabilidade dos escritores e seus personagens e a vulnerabilidade dos seus leitores e leitoras. Por isso amamos os livros, por serem, fora dos divãs, o melhor espelho da nossa imperfeição.” (Schwarcz, 2025, p. 97).

Da mesma forma, de uma temática à primeira vista pouco produtiva à reflexão, Schwarcz escreve um dos capítulos mais belos da obra. Em “A cara das capas e o papel do papel”, a discussão inicia pelo procedimento cotidiano da Companhia das Letras, das decisões editoriais que envolvem a produção do objeto livro, desde a ilustração e o estilo da capa, à espessura e à cor do papel que serão componentes da obra. Disso, o editor compara a experiência de leitura e de produção de um livro com a própria experiência humana, sem pieguice e sem recorrer a metáforas clichês. Igual ao costume adquirido de Caio Graco Prado, de cheirar os exemplares dos livros novos que chegam à editora, sobre o qual Schwarcz fala anteriormente, este capítulo é muito mais do que ensaístico; é também uma declaração de amor pelo trabalho realizado e pela própria literatura, pelo reconhecimento de que até mesmo a cor do papel, o contraste entre folha e letras e a sensação do toque dos dedos no livro condicionam as relações e as experiências tidas com a arte.

Esse mesmo amor acessa a dimensão política em “James Joyce encontra Adelaide Carraro”. Se nos capítulos memorialísticos Schwarcz opta por falar de autores mortos, uma escolha que evita indisposições, nesse capítulo o editor posiciona-se sem rodeios e enfaticamente pela defesa da liberdade, da democracia e da literatura. Relembrando os banimentos de livros em estados do sul do Brasil, destaca a gravidade de um país que censura a leitura, buscando, novamente, a referência dos Estados Unidos, dessa vez do ponto de vista negativo. Da censura de *Ulysses*, de James Joyce, em 1918, no país, Schwarcz traça um

histórico com a ascensão e fortificação de políticas de grupos “de direita radical” (Schwarcz, 2025, p. 222) que se encontraram no Brasil. Reforça, com o caso da censura de *O avesso da pele*, romance de Jeferson Tenório (2020), que as motivações racistas deturpam a natureza da obra literária pela defesa de uma agenda bolsonarista arraigada. Não elude o descontentamento com as posições tomadas pelas instituições políticas e acadêmicas e, com firmeza, intensifica o posicionamento já tomado pela Companhia das Letras, de divulgação e arrimo da liberdade artística. “Assim, os jovens leitores serão tratados como pessoas maduras, capazes do exercício da escolha. No caso dos pequenos leitores, a seleção dos livros cabe aos professores e aos pais, que para tanto também devem ter liberdade. Sem ela não podemos viver plenamente.” (Schwarcz, 2025, p. 225).

Por fim, cabe destacar dois capítulos brilhantes no conjunto da obra. Em “A quem pertence este livro?” e “O escritor no palco”, Schwarcz parece seguir à risca a definição de Adorno quando este define que “o ensaio pensa em fragmentos, uma vez que a própria realidade é fragmentada; ele encontra sua unidade ao buscá-la através dessas fraturas, e não ao aplainar a realidade fraturada. [...] A descontinuidade é essencial ao ensaio; seu assunto é sempre um conflito em suspenso” (Adorno, 2023, p. 35). Nas poucas páginas de “A quem pertence este livro?”, explora o trabalho do editor e do escritor em união, como ambos dividem espaço entre si e com o leitor na existência do livro. Há muita qualidade na discussão sobre autoria e aproveitamento do objeto literário, que infelizmente não se estende na escassez do capítulo: inicia um belo processo de reflexão que termina de forma um tanto abrupta, quando ainda poderia trazer mais da experiência e dos pensamentos do autor. Entretanto, justamente pelo corte no fluxo de pensamentos, talvez se mantenha a destreza do texto — mantém no horizonte a noção de que o ensaio “[...] não define conceitos, mas vai precisando-os no texto à medida em que os desdobra e os relaciona” (Larrosa, 2003, p. 114), entendendo também o momento no qual deve ser encerrado.

Ao comparar a formatação do livro e os papéis assumidos por editor/autor/leitor, Schwarcz consegue traçar um paralelo ímpar entre a experiência técnica — de um editor com ampla carreira e inúmeros sucessos comerciais, preocupado com a qualidade física e estética de seus produtos — e a experiência individual e artística — de manuseio e fruição do texto literário:

A área em branco, ou aquela que não é ocupada pelo discurso autoral, tem quase a mesma importância num livro quanto aquela ocupada pela tinta do texto. É ali que está o leitor. Uma mancha (assim chamamos o espaço preenchido pelas letras numa página) muito opressora, absoluta, é, mais que feia, inapropriada, pois de modo

indireto significa que a propriedade do livro, durante e após a leitura, não é compartilhada. Afirmar peremptoriamente que há apenas uma presença no livro, a do autor. Também uma entrelinha avarenta simboliza que o editor, com todo o seu poder, não foi capaz de reconhecer que, bem ao lado do enunciado dos escritores, é o local onde a imaginação dos leitores arma o seu terreno. Linhas muito próximas reforçam a supremacia autoral, deselegantemente. (Schwarcz, 2025, p. 82)

Essa mesma habilidade de escrita ressurgue com potência em “O escritor no palco”, um dos três últimos ensaios do livro. Em mais um esforço para entender a natureza da criação literária, Schwarcz também explora a função do editor em reconhecer as fragilidades e potencialidades da ficção encontrada nas páginas. Remontando à discussão clássica da teoria literária sobre verossimilhança e às proposições modernas do espaço do autor no texto, sem recorrer a termos excessivamente acadêmicos ou ao chavão técnico, o editor aponta para um caminho clichê da literatura como fuga, sem que o adjetivo incorra como negativo; encontra no que já foi dito uma elegância: “[...] se na vida procuramos uma identidade própria, na literatura fugimos dela. Se na vida devemos ser honestos e comedidos, na literatura o exagero e a dissimulação, em muitos casos, valem tanto quanto a fidedignidade ou mais do que ela.” (Schwarcz, 2025, p. 234).

Mais uma vez, quatro anos depois de seu último livro, o editor deixa seu papel nos bastidores para assumir o palco do escritor, ainda que não na ficção, ponto que escolhe para discutir. Em um mundo dominado pela tecnologia, exige-se do escritor sua dedicação não só ao texto literário como também a todas as etapas após a publicação: não apenas precisa se doar à construção da estrutura narrativa, deve participar da discussão pública da obra e dar a face ao livro que publica. “O escritor, hoje em dia, é julgado simultaneamente em campos distintos: o da intimidade e o público”, reflete Schwarcz, “Dessa maneira, quando sua imaginação precisa se materializar numa performance e subir em palcos mais reais do que os inventados, temos de nos perguntar: qual o preço a ser pago para divulgar um livro?” (Schwarcz, 2025, p. 244). É essa a pergunta que o fundador e editor de uma das maiores editoras brasileiras se faz, de um posto de massificação da leitura, com consciência de sua função e da importância de reconhecer as mudanças sociais e, mais do que isso, saber acompanhá-las.

Encerra, noutro ensaio metalinguístico, pensando sobre finais. Segundo o autor, saber quando terminar um romance (e, depois, estende a reflexão aos contos) é a “grande questão” dos escritores, “[...] que algumas vezes procuram se livrar do livro antes do tempo.” (Schwarcz, 2025, p. 277). Seu papel é avaliar se a decisão dos autores foi correta, tarefa que

exige expertise adquirida apenas com o tempo. Mais uma vez, fornece um estalo ao leitor, mesmo sem “[...] dar conta das profundezas desse tema”, por não ter “a densidade dos críticos literários e dos psicanalistas” (p. 284), provocando-nos a questionar a importância da espera na leitura. Por que e o que esperar na literatura? Uma grande descoberta? Uma revelação devastadora sobre a humanidade? Mesmo com a modéstia incansável que almejava na introdução e da qual não abre mão até o último capítulo, em que conta sua relação com Jorge Zahar, o editor assegura que esperar é lembrar — um escritor só mantém seu leitor quando suspende revelações e muito mais abre caminhos pelos quais percorrer, sem ainda os conhecer.

Sem dúvidas, ao buscar que *O primeiro leitor* seja um livro “discreto e modesto”, Luiz Schwarcz correu o risco de relegar à sua obra um caráter de menor importância, visto que um livro que passa despercebido está fadado ao esquecimento. Por ser habilidoso e gozar de décadas de experiência, consegue conciliar sua vontade com aquilo que era necessário para o livro — como percebeu, logo na juventude, que não poderia publicar apenas os livros de que gostasse, também soube (talvez inconscientemente) burlar o comedimento quando necessário, firmando *O primeiro leitor* como uma publicação essencial no meio editorial. Quando carecem as memórias de força, os ensaios a recuperam; quando os ensaios se esgotam, as memórias lhes concedem novos pontos de partida. Deixa-nos esperando mais, lembramo-nos do que diz: e que queira dizer mais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. O ensaio como forma. In: ADORNO, Theodor. *Notas de literatura I*. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2003. p. 15-45.

LARROSA, J. O ensaio e a escrita acadêmica. *Educação e Realidade*, v. 28, n. 2, jul/dez, p. 101-115, 2003.

RODA VIVA. *Roda Viva com Luiz Schwarcz*, 2025. 1 vídeo (93 minutos). Publicado pelo canal Roda Viva, TV Cultura. Disponível em: https://www.youtube.com/live/rvzpDlyGhR8?si=mw_m7j-FSGjktW2a. Acesso em: 24 jul. 2025.

SCHWARCZ, Luiz. *O primeiro leitor: Ensaio de memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 2025.

Recebido em: 17/08/2025; **Aceito em:** 19/08/2025.